



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

RADÍCIA SANTOS DE OLIVEIRA

**DIVERGÊNCIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA:
DEZ DÚVIDAS, DEZ DESACORDOS**

Brasília
2016

RADÍGIA SANTOS DE OLIVEIRA

**DIVERGÊNCIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA:
DEZ DÚVIDAS, DEZ DESACORDOS**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto: Gramática, Linguagem, Construção/ Reconstrução do Significado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise de Aragão Costa Martins

Brasília
2016

RADÍGIA SANTOS DE OLIVEIRA

**DIVERGÊNCIAS EM LÍNGUA PORTUGUESA:
DEZ DÚVIDAS, DEZ DESACORDOS**

Trabalho apresentado ao Centro
Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD)
como pré-requisito para a obtenção de
Certificado de Conclusão de Curso de
Pós-Graduação *Lato Sensu* em Revisão
de Texto: Gramática, Linguagem,
Construção/ Reconstrução do Significado.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise de Aragão
Costa Martins

Brasília, 27 de novembro de 2016.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Prof. Dr. Paulo Medeiros Junior

Dedico esta pesquisa a Carolina de Oliveira Weller
e a Eduardo Weller, por existirem na 1ª pessoa do plural.

AGRADECIMENTOS

À minha amiga Arlinda Barbosa Carvalho, pelo incentivo e pela ideia do tema.
À professora Denise de Aragão Costa Martins, pela orientação objetiva e exigente.
Aos meus pais, João e Ana Zenilde, por ensinamentos d'além língua portuguesa.
À minha filha Carolina, por me ensinar a conjugar o verbo amar até no infinitivo.

Vejo a gramática como a primeira parte da arte de pensar.

Condillac

RESUMO

Esta pesquisa analisa as divergências entre especialistas em língua portuguesa sobre dez questões relacionadas com ortografia, concordância, pontuação e regência. Os itens foram selecionados de acordo com dúvidas pessoais desta autora após diversas buscas pela internet. Para os revisores de texto, o tema é especialmente relevante por causa das dúvidas com que frequentemente deparam ao tentar responder às perguntas. Em busca de soluções rápidas, recorrem à rede de computadores, um “mundo” com respostas para quase tudo, mas que, às vezes, mais confundem do que esclarecem. Se até os norteadores da norma divergem entre si – sim, este trabalho também mostra isso –, seria impossível que essas diferenças não se refletissem nos textos disponíveis na *web*. Assim, o objetivo final deste trabalho é apontar um caminho para o profissional da revisão textual escolher, de modo consciente, logo, seguro, a resposta mais adequada para determinada dúvida linguística ou gramatical.

Palavras-chave:

Linguagem. Língua portuguesa. Gramática. Revisão textual. Pesquisa na internet.

ABSTRACT

This research analyzes the differences among experts in Portuguese language about ten questions related to spelling, nominal agreement, punctuation and syntactical relation. The items were selected according to personal questions of this author after several searches on the internet. For proofreaders, the issue is particularly relevant because of the doubts that they often encounter when trying to answer questions. In search of quick solutions, they appealed to the computer net, a “world” with answers to almost everything, but sometimes confuse more than to clear. If until the guiding of Brazilian norm differs among them – yes, this work also shows that – it would be impossible that these differences are not reflected in the texts available on the web. Thus, the goal of this work is to point a path to professional proofreader choose, consciously and assuredly, the most appropriate answer to linguistic or grammatical questions.

Key words:

Language. Portuguese language. Grammar. Textual revision. Search on the internet.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: AUTORES E OBRAS CONSULTADOS_____	14
QUADRO 2: QUESTÕES GRAMATICAIS GERADORAS DE DÚVIDAS_	21
QUADRO 3: QUESTÕES E OPINIÕES_____	22
QUADRO 4: SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES_____	41
QUADRO 5: ABL E OPINIÕES DA AUTORA_____	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS PRINCIPAIS CONCEITOS	14
2 O PORQUÊ DAS ESCOLHAS	20
3 PORTUGUÊS: DEZ DÚVIDAS, DEZ DIVERGÊNCIAS	24
3.1. ANO NOVO (com hífen ou sem na saudação; iniciais maiúsculas ou minúsculas)	24
3.1.1. A opinião dos especialistas	24
3.1.2. O que diz a Norma	25
3.2. BOM DIA (com ou sem hífen no cumprimento)	26
3.2.1. A opinião dos especialistas	26
3.2.2. O que diz a Norma	27
3.3. CARNAVAL (inicial maiúscula ou minúscula)	28
3.3.1. A opinião dos especialistas	28
3.3.2. O que diz a Norma	29
3.4. ETNIA INDÍGENA (plural com ou sem flexão)	29
3.4.1. A opinião dos especialistas	29
3.4.2. O que diz a Norma	30
3.5. NOME PRÓPRIO (sobrenome no plural com ou sem flexão)	31
3.5.1. A opinião dos especialistas	31
3.5.2. O que diz a Norma	32
3.6. PAÍS (inicial maiúscula ou minúscula no sentido de Brasil)	33
3.6.1. A opinião dos especialistas	33
3.6.2. O que diz a Norma	33
3.7. PAPA (inicial maiúscula ou minúscula)	34
3.7.1. A opinião dos especialistas	34
3.7.2. O que diz a Norma	35
3.8. UM DOS QUE (concordância)	35
3.8.1. A opinião dos especialistas	35
3.8.2. O que diz a Norma	36
3.9. VÍRGULA ANTES DE ETC.	37
3.9.1. A opinião dos especialistas	37
3.9.2. O que diz a Norma	39

3.10. VISAR O/AO (no sentido de almejar)	39
3.10.1. A opinião dos especialistas	39
3.10.2. O que diz a Norma	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	51
ANEXO A ABL Responde sobre ANO NOVO	50
ANEXO B ABL Responde sobre BOM DIA	52
ANEXO C ABL Responde sobre CARNAVAL	53
ANEXO D ABL Responde sobre ETNIA INDÍGENA	54
ANEXO E ABL Responde sobre NOME PRÓPRIO	55
ANEXO F ABL Responde sobre PAÍS	56
ANEXO G ABL Responde sobre PAPA	57
ANEXO H ABL Responde sobre UM DOS QUE	58
ANEXO I ABL Responde sobre VÍRGULA ANTES DE ETC.	59
ANEXO J ABL Responde sobre VISAR O/AO	60

INTRODUÇÃO

Esta monografia examina divergências entre especialistas em língua portuguesa sobre dez itens selecionados, relativos a ortografia (hífen e letra inicial maiúscula ou minúscula), pontuação (vírgula antes de etc.), regência (verbo visar), concordância verbal e nominal.

Para revelar essas divergências, foram selecionados três especialistas por amostra. Os três têm perfis parecidos: escrevem para grandes jornais e são conhecidos dos leitores e dos internautas. A justificativa é que, ao efetuar determinadas buscas sobre língua portuguesa pela internet, os três costumam aparecer com frequência.

Os três especialistas, em ordem alfabética, são Dad Squarisi, que escreve para o jornal *Correio Braziliense*; Sérgio Nogueira, consultor das Organizações Globo (site G1, jornal *O Globo*, entre outros), e Pasquale Cipro Neto, do jornal *Folha de S. Paulo*.

O tema desta pesquisa é relevante especialmente para o revisor de texto que precisa de respostas rápidas para determinadas questões. Por quê? Porque a rede mundial de computadores oferece soluções para vários assuntos, inclusive língua portuguesa. Para esta pesquisa, por exemplo, todas as apurações sobre os três especialistas (da biografia às “dicas” de português) foram feitas pela internet. O problema é que as respostas encontradas pela internet nem sempre são as “corretas”, ou as mais adequadas. Além disso, os especialistas podem não ser tão especializados, o que não parece ser o caso dos três profissionais citados neste trabalho.

Assim, o objetivo deste estudo não é pura e simplesmente revelar as divergências entre os especialistas em língua portuguesa, mas, além disso, mostrar que ninguém é o “dono absoluto da verdade” sobre determinadas questões, nem os próprios norteadores da Norma brasileira. Este estudo também pretende evidenciar que a internet pode ser ótima aliada para tirar dúvidas de português, mas é preciso escolher bem o *site* ou *blog* e ter consciência de que mesmo fontes confiáveis podem não estar em sintonia com o que prega a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Ao longo deste trabalho, a intenção é responder às seguintes perguntas: em quais dos dez itens desta pesquisa os especialistas divergem? O que essas divergências revelam? Mesmo com as divergências existentes entre eles, as buscas de respostas para dúvidas de português pela internet são confiáveis? Por quê?

Antes de iniciar propriamente o estudo, foram discutidos teoricamente alguns conceitos. Os conceitos de língua, linguagem, norma, fala, escrita, discurso e gramática são de Mattoso Camara Jr. (2004). Além dele, os também linguistas Osvald Ducrot e Tzvetan Todorov (1972) definem situação do discurso e contexto, e Evanildo Bechara (2009) dá os conceitos de gramática descritiva e normativa. O conceito de norma culta é de Carlos Alberto Faraco (2008).

Esta monografia está organizada nos seguintes capítulos: *Introdução*, *Os Principais Conceitos* (capítulo 1), *O Porquê das Escolhas* (capítulo 2), *Português: dez dúvidas, dez divergências* (capítulo 3), *Considerações Finais*, *Conclusão*, *Referências Bibliográficas e Anexos* (reprodução dos e-mails da Academia Brasileira de Letras, por meio do serviço ABL Responde, com explicações sobre os dez itens desta pesquisa).

Além de ser requisito para a conclusão do curso de pós-graduação em Revisão de Texto, esta monografia é especialmente importante para todos os profissionais da área que se preocupam com um bom trabalho, por constituir mais um instrumento de construção da segurança na escolha da manutenção ou da reformulação textual inerente às atividades que desempenham.

1 OS PRINCIPAIS CONCEITOS

O estudo sobre casos de divergências entre especialistas em língua portuguesa pede, antes de tudo, a definição de alguns conceitos básicos relacionados com o tema, como linguagem, fala, norma, discurso, gramática, entre outros.

Pela importância, os autores e as obras consultados para definição dos conceitos selecionados, conforme o quadro a seguir, são Joaquim Mattoso Camara Jr. (*Dicionário de Lingüística e Gramática*, 2004), Osvald Ducrot e Tzvetan Todorov (*Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*, 1972), Evanildo Bechara (*Moderna Gramática Portuguesa*, 2009), Carlos Alberto Faraco (*Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*, 2008), além de nomes citados por eles, como Ferdinand de Saussure e Marcel Cohen.

QUADRO 1: AUTORES E OBRAS CONSULTADOS

AUTOR	OBRA
O. Ducrot; T.Todorov	<i>Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem</i>
E. Bechara	<i>Moderna Gramática Portuguesa</i>
J.Mattoso Camara Jr.	<i>Dicionário de Lingüística e Gramática</i>
C.A. Faraco	<i>Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós</i>

Fonte: elaborado pela autora deste trabalho

A seguir, os principais conceitos extraídos dos autores e obras citados no quadro anterior, a começar pela **linguagem**, termo mais amplo.

Linguagem – Para Camara Jr., é a “faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado língua, que os organiza numa REPRESENTAÇÃO [destaque do autor] compreensiva em face do mundo exterior objetivo e do mundo subjetivo interior”. Segundo o estudioso, a

linguagem se realiza em uma espécie de drama entre o falante e o ouvinte na base de um assunto. (CAMARA JR., 2004, p. 159).

Língua – Camara Jr. define língua como uma organização de sons vocais específicos ou fonemas. A partir desses sons ou fonemas, são construídas as formas linguísticas. A distinção entre uma língua e outra está nos seus sistemas de fonemas e formas, e nos seus padrões frasais.

A hierarquia dá origem à língua regional (falares) e à língua comum ou nacional. A língua culta, na opinião do autor, é a modalidade de uso que surge na língua comum e serve para as comunicações mais elaboradas da vida social e não só está acima, como se distingue da língua cotidiana por ser mais nítida, mais coerente nas formas gramaticais e mais rica. Na base da língua culta, afirma, está a língua escrita. (CAMARA JR., 2004, p. 158).

Fala – Camara Jr. conceitua fala como atividade linguística no discurso oral. “É a fonação, enriquecida de uma significação imanente”, acrescenta. Ducrot e Todorov consideram fala um fenômeno individual (a língua seria social) e recorrem a Saussure para explicar fala como o emprego do código (a língua). (DUCROT. TODOROV, 1972, p. 120).

Escrita – É a “representação visível e durável da linguagem que, de falada e ouvida, passa a ser escrita e lida”. (CAMARA JR., 2004, p. 108, apud COHEN, 1953, p. 7).

Na opinião de Camara Jr., “A LINGUAGEM ESCRITA depende, para clareza e expressividade, do contexto, enquanto a LINGUAGEM ORAL é valorizada pela entonação. [...] A língua escrita se apresenta em vários níveis, de acordo com a

finalidade social para que opera. A sua manifestação mais alta é a LINGUAGEM LITERÁRIA [destaques do autor]”.

As várias normas – A intenção deste trabalho não é aprofundar os conceitos sobre norma culta ou qualquer outra. No entanto, para tentar evitar confusões sobre o assunto, é importante apresentar aqui as definições de Faraco (2008) e Camara Jr. (2004), respectivamente, sobre norma culta (definição que complementa o conceito de língua culta, já citada nesta pesquisa) e norma.

Norma culta – Faraco (2008) cita, primeiro, o projeto Nurc (Norma Linguística Urbana Culta), que define norma culta como a variedade de uso corrente entre falantes urbanos com escolaridade superior completa, em situações monitoradas. Depois, explica que a palavra culta diz respeito especificamente a uma certa dimensão da cultura: a escrita. Assim, norma culta, na opinião do autor, deve ser entendida como a norma linguística praticada em determinadas situações (as que envolvem certo grau de monitoramento) e por grupos sociais mais relacionados com a cultura escrita. (FARACO, 2008, p. 47 e 54).

Norma – Eis a definição de Camara Jr. (2004): conjunto de hábitos linguísticos em vigor no lugar ou na classe social de mais prestígio do país. “O esforço mesmo latente para manter a norma e estendê-la aos demais lugares e classes é um dos fatores de que se chama a correção. A norma é contrariada pela variedade linguística intrínseca”, acrescenta. Essa variedade muda, por exemplo, de um lugar para outro, de uma classe social para outra, de um indivíduo para outro. Segundo Camara Jr., a variedade linguística que contraria a norma constitui o ERRO (destaque do autor). Para concluir, Camara Jr. resume norma como uma força

conservadora na linguagem que não impede a evolução linguística, pois ela estaria na essência do dinamismo da língua. (CAMARA JR., 2004, p. 177 e 178).

Discurso – É a atividade linguística “nas múltiplas e infindáveis ocorrências da vida do indivíduo”. (CAMARA JR., 2004, p. 99 apud CAMARA, 1959, p. 20).

Camara Jr. complementa a definição de discurso assim: “É, portanto, a língua atualizada num momento dado, por um dado indivíduo, quer como FALA (discurso oral), quer como ESCRITA (discurso escrito). Pode-se dizer assim que é a MENSAGEM, na base de um CÓDIGO, que é a língua [destaques do autor]”.

A língua dá aos indivíduos a compreensão dos discursos, afirma ainda o autor. A unidade do discurso é a frase, em que a língua entra com seus vocábulos estabelecidos, construções sintáticas, regência, concordância. No discurso, acrescenta Camara Jr., o esforço para a expressividade leva a um modo especial de utilizar os elementos da língua, chamado estilo.

Situação de discurso e contexto – De acordo com Ducrot e Todorov (1972), situação de discurso é “o conjunto das circunstâncias no meio das quais se desenrola um ato de enunciação (oral ou escrito)”. As circunstâncias, ressaltam os autores, seriam: o ambiente físico e social no momento de realização do ato de enunciação, a imagem que os interlocutores têm desse ato, a identidade dos interlocutores, a ideia que cada um faz do outro e os acontecimentos que precedem o ato.

Os autores chamam a atenção para o fato de algumas vezes essas circunstâncias serem chamadas de CONTEXTO [destaque do autor]. E afirmam: “É cômodo reservar este último termo para designar o ambiente estritamente linguístico

de um elemento (de uma palavra, por exemplo, ou de uma unidade fonética) dentro de um enunciado”. (DUCROT. TODOROV, 1972, p. 297)

Ducrot e Todorov explicam também que os atos de enunciação não podem ser interpretados sem que as circunstâncias sejam conhecidas. Destacam que, além de não ser possível conhecer os motivos e os efeitos da enunciação, a falta de conhecimento das circunstâncias impede a descrição correta das informações. O conhecimento da situação, registram eles, pode determinar o referente das expressões empregadas, a natureza do ato de fala realizado, o caráter normal ou não de uma enunciação e, ainda, elucidar enunciado ambíguo.

Os autores destacam ainda que o número de contextos possíveis para um enunciado (de acordo com a diversidade das situações) é infinito.

Gramática – É o estudo de uma língua examinada como sistema de meios de expressão. (CAMARA JR., 2004, p. 130 apud SAUSSURE, 1922, p. 185)

Gramática descritiva e normativa – De acordo com Bechara, a gramática descritiva registra e descreve um sistema linguístico nos seus aspectos fonético-fonológico, morfosintático e léxico. De natureza científica, não estabelece e muito menos faz recomendações sobre o que é certo ou errado.

Diferentemente da gramática descritiva, a normativa não tem finalidade científica e, sim, pedagógica, explica Bechara: “A gramática normativa recomenda como se deve falar e escrever segundo o uso e a autoridade dos escritores corretos e dos gramáticos e dicionaristas esclarecidos”. (BECHARA, 2009, p. 52)

Após essas definições, vale ressaltar que todas as vezes em que os termos conceituados aparecerem em outras partes deste trabalho (salvo aspas dos textos consultados), deve-se considerar o significado apresentado neste capítulo. Para norma, citada diversas vezes ao longo desta pesquisa, vale o conceito de Camara Jr. A expressão norma culta não aparece nesta pesquisa, mesmo porque, de acordo com a definição de Faraco, ela serve tanto para os especialistas (que estão sempre em situação de monitoramento e em contato com a escrita, já que são contratados por jornais), quanto para os representantes da Academia Brasileira de Letras (ABL). Mais: Evanildo Bechara, consultado sobre o conceito de gramática normativa e descritiva, também serve, neste trabalho, como fonte para a Norma (a partir de agora, com inicial maiúscula).

Para concluir este capítulo, é oportuno lembrar que, como o estudo requer consulta a *sítes* de especialistas que escrevem para jornais de grande circulação, merecem atenção especial os conceitos de contexto e circunstância. Camara Jr. (2004, p. 109), por exemplo, afirma que a linguagem escrita depende do contexto para que possa ser clara, enquanto Ducrot e Todorov (1972, p. 298) completam que os atos de enunciação (caso dos textos publicados pelos especialistas) não podem ser interpretados sem que se conheçam as circunstâncias.

2 O PORQUÊ DAS ESCOLHAS

Quem nunca ficou confuso ao tentar resolver questões de língua portuguesa e encontrar resultados divergentes? Na correria do dia a dia, essas diferenças aparecem ainda mais porque boa parte das pesquisas atuais é feita pela internet. Aí surgem resultados para todos os gostos, principalmente quando determinados temas geram divergências até entre os acadêmicos e grandes estudiosos da língua portuguesa.

Sempre em busca de soluções rápidas para determinadas questões, também sou adepta das pesquisas pela internet. Como sou jornalista, antes de ser revisora de textos, geralmente pesquiso em *sites* de especialistas que escrevem para jornais de grande circulação, principalmente porque, nos periódicos, a linguagem formal (a da ABL e a dos grandes gramáticos, por exemplo) nem sempre é considerada a melhor saída.

No entanto, após anos de profissão e buscas de respostas rápidas pelo computador, aprendi quais são as questões que costumam gerar divergências e, confesso, de tanto ver resultados diferentes para o mesmo assunto, perdi um pouco a noção sobre o que é considerado aceitável ou não, seja pela ABL, seja pelos manuais de redação dos jornais.

Dessa forma, a partir das minhas buscas pessoais pela internet, reuni as questões que mais costumam gerar divergências e aquelas que me suscitam dúvidas, sempre que deparo com elas, não importa quantas vezes eu faça pesquisas sobre o assunto. São os dez itens listados no quadro que se segue.

QUADRO 2: QUESTÕES GRAMATICAIS GERADORAS DE DÚVIDAS

ANO NOVO (com hífen ou sem; iniciais maiúsculas ou minúsculas)
BOM DIA (com hífen ou sem no cumprimento)
CARNAVAL (letra inicial maiúscula ou minúscula)
ETNIA INDÍGENA (flexão)
NOME PRÓPRIO (flexão)
PAÍS (maiúscula ou minúscula no sentido de Brasil)
PAPA (letra inicial maiúscula ou minúscula)
UM DOS QUE (concordância)
VÍRGULA ANTES DE ETC.
VISAR O/AO (sentido de almejar)

Fonte: elaborado pela autora deste trabalho

Assim, o objeto desta pesquisa, de caráter comparativo, são principalmente as divergências (sem excluir as concordâncias) existentes entre três especialistas em língua portuguesa sobre os dez itens listados. Não escolhidos por acaso, os três são conhecidos porque escrevem para *sites* ou *blogs* ligados a jornais de circulação nacional. Para tentar diversificar, optei por especialistas de jornais com sede em dois grandes estados – São Paulo e Rio de Janeiro –, além do Distrito Federal.

Os três especialistas em língua portuguesa escolhidos são: Dad Squarisi (jornal *Correio Braziliense*), Pasquale Cipro Neto (*Folha de S. Paulo*) e Sérgio Nogueira (*O Globo*).

Neste trabalho, a Norma será identificada em três publicações: *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp) e *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara. O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (impresso ou online) também será fonte de consulta.

Em ordem alfabética, a seguir, apresento breves biografias de cada um dos especialistas publicadas nos jornais ou *blogs* para os quais eles escrevem:

Dad Squarisi fez curso de letras na Universidade de Brasília (UnB), tem especialização em linguística e mestrado em teoria da literatura. É editora de Opinião do Correio Braziliense e dá aulas de edição de textos no Centro Universitário de Brasília (UniCeub). Assina a coluna “Dicas de Português”, publicada em 15 jornais do país, “Na Ponta da Língua”, publicada no suplemento infantil Super, do Correio Braziliense, e “Língua Solta”, veiculada pelo Correio Braziliense e Estado de Minas.

Pasquale Cipro Neto é professor de português desde 1975, colaborador da Folha de S. Paulo desde 1989, idealizador do programa “Nossa Língua Portuguesa” e autor de obras didáticas e paradidáticas. Escreve para a Folha às quintas-feiras.

Sérgio Nogueira é formado em letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com mestrado em língua portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio. É consultor do Grupo Globo, que abrange o jornal O Globo, a TV Globo, a emissora de rádio CBN, entre outros veículos.

Adiante, apresento o quadro (em ordem alfabética) com o resumo das dez questões citadas e a opinião dos três especialistas sobre o assunto.

QUADRO 3: QUESTÕES E OPINIÕES

Especialista Questão gramatical	Dad Squarisi	Pasquale C. Neto	Sérgio Nogueira
ANO NOVO (com hífen ou sem na saudação)	Com hífen e iniciais minúsculas	*Escreve sem hífen e com minúsculas	Com hífen e iniciais maiúsculas
BOM DIA (com hífen ou sem no cumprimento)	Com hífen	Sem hífen	Com hífen
CARNAVAL (letra inicial maiúscula ou minúscula)	Minúscula	*Escreve maiúscula	*Escreve minúscula
ETNIA INDIGENA (flexão no plural ou singular)	Flexão normal	Flexão normal (por dedução)	Prefere flexão normal
NOME PRÓPRIO (flexão no plural ou singular)	Flexão normal	Flexão normal	Flexão normal
PAÍS (maiúscula ou minúscula no sentido de Brasil)	Minúscula	*Escreve minúscula	-
PAPA (letra inicial maiúscula ou não)	Minúscula	*Escreve minúscula	*Escreve minúscula
UM DOS QUE (concordância)	Singular ou plural (questão de contexto)	Singular ou plural (questão de contexto)	Prefere plural
VÍRGULA ANTES DE ETC.	Facultativa	Dá exemplo de escritores que usam	Diz que alguns autores condenam
VISAR O/AO (sentido de almejar)	Transitivo indireto	Diz que há registros das duas situações	Opcional

*Não encontradas “dicas”, mas o especialista escreve textos sobre outros assuntos que sugerem a sua opinião.

Fonte: elaborado pela autora deste trabalho

Para concluir, o objetivo desta pesquisa comparativa é, além de deixar claras algumas discordâncias, mostrar que ninguém é “dono da verdade” quando o assunto é regra de português. Escolher um bom especialista e um *site* confiável seria o primeiro caminho para “errar” menos, mas quem poderia ser considerado bom – entre tantos fáceis de serem encontrados pela rede mundial de computadores – e que páginas eletrônicas mereceriam o selo de “confiável”, por exemplo? No fim, o importante é conhecer as opções e escolher o que seria a melhor para determinada situação.

3 PORTUGUÊS: DEZ DÚVIDAS, DEZ DIVERGÊNCIAS

Que tal abrir o computador e fazer a seguinte pergunta: **ano novo** se escreve sem ou com hífen (ano-novo)? Aparecem várias respostas na tela e, provavelmente, algumas são divergentes entre si, seja porque o autor é mais purista (defende a Norma com “unhas e dentes”), mais flexível (aceita mudanças consagradas pelo uso popular), ou, ainda, porque não sabe e, mesmo assim, se atreve a responder à pergunta como se fosse conhecedor do assunto.

A seguir, conheça o que dizem os especialistas e a Norma sobre essa e nove outras questões de língua portuguesa, selecionadas, neste trabalho, com base em pesquisas pessoais que revelaram o que costuma gerar dúvidas e confundir quem procura respostas rápidas, especialmente pela internet.

3.1. ANO NOVO (com hífen ou sem; iniciais maiúsculas ou minúsculas)

3.1.1. A opinião dos especialistas

Entre os três especialistas pesquisados, as divergências aparecem não apenas em relação ao hífen, mas também sobre se as iniciais da palavra devem ser escritas em maiúsculas ou minúsculas quando se tratar da saudação de *réveillon*.

Dad Squarisi e Sérgio Nogueira, por exemplo, concordam com que a palavra **ano-novo** pede hífen, quando no sentido de saudação, mas discordam sobre as letras iniciais. Ela afirma que devem ser minúsculas; ele, maiúsculas. Pasquale Cipro Neto, por sua vez, escreve “feliz ano novo”, assim, sem hífen, sem maiúsculas.

Em texto intitulado “Os sete pecados do hífen na virada do ano” (*Correio Braziliense*, 29/12/2010), Dad lembra que “ano-novo é substantivo comum” e, por

isso, defende as iniciais minúsculas. Apesar do título do texto, ela não fala exatamente sobre o hífen, mas escreve a palavra várias vezes com o sinal gráfico.

Sérgio Nogueira, em texto publicado no portal G1 em 10 de setembro de 2008, diz que, no sentido de *réveillon*, a palavra tem hífen e deve ser escrita com iniciais maiúsculas: **Ano-Novo**. Ano novo, sem o hífen, seria o oposto de ano velho. “A empresa espera fechar muitos negócios neste ano novo”, exemplifica. Vale ressaltar que Nogueira escreveu o texto antes do início da vigência do *Acordo Ortográfico de Língua Portuguesa*, mas, conforme explicação a seguir, ela não altera o hífen de compostos.

Não há (ou não foram encontrados) comentários de Pasquale Cipro Neto sobre o assunto, mas no texto “Desejos (rabugentos) de fim de ano” (*Folha de S. Paulo*, 31/12/2009), ele termina com a frase: “Feliz ano novo, caro leitor”. Levando-se em consideração a data, a tendência é imaginar que ele se refere ao *réveillon*.

O *Manual de Redação* do jornal *Folha de S. Paulo* (2011, p. 99), que, assim como os três especialistas, também não tem obrigatoriamente compromisso com a Norma, registra **Ano-Novo** (com iniciais maiúsculas) como sinônimo de **Réveillon** – também com iniciais maiúsculas.

3.1.2. O que diz a Norma

A tendência é concluir que o uso do hífen no sentido de saudação seria a forma mais adequada. O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, por exemplo, afirma não ter alterado o uso do hífen em compostos, como seria o caso de ano-novo. Apenas teria deixado as regras mais claras, conforme artigo 1º da Base XV:

Emprega-se o hífen nas palavras compostas por justaposição que não contêm formas de ligação e cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio, podendo dar-se o caso de o primeiro elemento

estar reduzido: *ano-luz, arcebispo-bispo, arco-íris, decreto-lei, és-sueste, médico-cirurgião, rainha-cláudia, tenente-coronel, tio-avô, turma-piloto; alcaide-mor, amor-perfeito, guarda-noturno, mato-grossense, norte-americano, porto-alegrense, sul-africano; afro-asiático, afro-luso-brasileiro, azul-escuro, luso-brasileiro, primeiro-ministro, primeiro-sargento, primo-infeção, segunda-feira; conta-gotas, finca-pé, guarda-chuva.* (DECRETO Nº 6.583, de 2008)

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 96) afirma: “Emprega-se o hífen nos compostos sem elementos de ligação quando o 1º termo, por extenso ou reduzido, está representado por forma substantiva, adjetiva, numeral ou verbal”.

A conclusão é que a forma mais adequada, de acordo com a Norma, seria com o hífen. Vale lembrar que o Volp, *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (2009), da Academia Brasileira de Letras (ABL), registra **ano-novo**. Sobre o assunto, em consulta feita ao serviço ABL Responde, acessível pelo *site* do Volp na internet, eis a explicação dada no dia 11 de abril de 2016: “Ano-novo com hífen é o ano entrante; meia-noite do dia 31 de dezembro; ano-bom; refere-se à virada do ano. Ano novo sem hífen refere-se à totalidade do ano”. Sobre as iniciais maiúsculas ou minúsculas na saudação, a dúvida permanece.

3.2. BOM DIA (com ou sem hífen nos cumprimentos)

3.2.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi e Sérgio Nogueira afirmam que, nos cumprimentos, a palavra deve ser escrita com hífen: bom-dia. Pasquale Cipro Neto discorda.

No texto “Os sete pecados do hífen na virada do ano” (*Correio Braziliense*, 29/12/2010), Dad Squarisi apela para rima na hora de dar “dica” sobre o assunto:

Bom-dia, flor do dia. Como vai a tia? Toma banho na bacia? Com água fria? Na Bahia? Ops! Tanta rima tem razão de ser. Lembra que a saudação não anda sozinha. Vem acompanhada e ligadinha.

Ela acrescenta que boa-tarde e boa-noite também pedem o sinal gráfico.

Sérgio Nogueira é mais direto ao escrever para o portal G1, em 13 de agosto de 2008, que “um bom dia” significa “um dia bom”, mas que a saudação é com hífen: bom-dia.

Para Pasquale Cipro Neto, só há hífen quando o bom-dia for substantivado. No *site* Espaço do Pasquale (SEM DATA), ele exemplifica: “Deu-me um bom-dia seco e foi embora”. No caso da saudação, acrescenta: é sem hífen.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011) não faz referência ao assunto.

3.2.2. O que diz a Norma

Na *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 540), além das regras gerais sobre os compostos (já citadas no item 3.1.2 deste trabalho), no capítulo sobre as frases com enunciados sem núcleo verbal, a forma **bom dia** é escrita assim, sem hífen, no sentido de saudação.

No entanto, o *Vocabulário Ortográfico de Língua Portuguesa* registra a palavra **bom-dia**, que poderia ser também a expressão substantivada, como defende Pasquale, ou a saudação em si, como recomendam Dad e Nogueira. Poderia, mas não pode, segundo a Academia Brasileira de Letras (ABL).

Em consulta ao canal ABL Responde, pela internet, sobre se há ou não hífen na palavra quando no sentido de saudação, a instituição é enfática: “A saudação deve ser escrita sem hífen: ‘Bom dia, alunos!’”. O uso do hífen, acrescenta, dá-se

apenas com a expressão substantivada: “Tenha um bom-dia, senhora”. Ponto para Pasquale.

O *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, conforme explicado no item 3.1.2, afirma não ter alterado o uso do hífen em compostos, mas apenas deixado as regras mais claras, conforme artigo 1º da Base XV.

3.3. CARNAVAL (inicial maiúscula ou minúscula)

3.3.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi defende que a palavra **carnaval** deva ser escrita com inicial minúscula: “Olho nos pedigrees e nos vira-latas”, recomenda em texto publicado em 3 de fevereiro de 2016. Para a especialista, Sexta-Feira da Paixão e Páscoa são com iniciais maiúsculas. No entanto, não só carnaval, mas quarta-feira de cinzas, quaresma e semana santa, por exemplo, devem ser escritas com iniciais minúsculas, ela diz.

No texto “Conheça a origem da palavra **carnaval**”, publicado em 25 de março de 2016, Sérgio Nogueira não fala diretamente sobre a inicial do substantivo, mas escreve a palavra com minúscula no mesmo parágrafo em que aparecem Quarta-Feira de Cinzas e Quaresma, com iniciais maiúsculas.

Em “Carnaval? Tô fora, literalmente”, texto publicado em 20 de fevereiro de 2012, Pasquale Cipro Neto não menciona a letra inicial da festa, mas, ao longo do texto, escreve a palavra com inicial maiúscula.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011, p. 83) manda escrever festas religiosas e populares com inicial maiúscula e, entre os exemplos, cita **Carnaval**.

3.3.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* prescreve que os nomes das festas pagãs devem ser escritos com inicial minúscula e, entre os exemplos, também cita **carnaval** (BECHARA, 2009, p. 105).

O *Acordo Ortográfico* prevê maiúscula nos nomes de festas e festividades. Cita Natal, Páscoa, Ramadão, Todos os Santos. Carnaval não aparece na lista, mas, como é o nome de uma festa, torna-se fácil concluir que é mais adequado escrever com a inicial maiúscula.

Para a Academia Brasileira de Letras, pelo serviço ABL Responde, o uso da letra inicial maiúscula ou minúscula é opcional.

Assim, a letra inicial de **Carnaval** (ou **carnaval**) gera divergências entre os três especialistas pesquisados para este trabalho e, também, entre os órgãos e gramáticos que, neste trabalho, representam a Norma do português brasileiro.

3.4. ETNIA INDÍGENA (plural ou singular)

3.4.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi, na coluna “Erramos”, do jornal do *Correio Braziliense*, afirma, em 7 de junho de 2013, que na frase “os terena reivindicam”, a etnia indígena deveria estar no plural: “Os terenas reivindicam”. Segundo ela, é o manual de redação do jornal que “manda flexionar normalmente nomes de tribos indígenas: os xavantes, os tupis, os aimorés, os ianomâmis, os astecas”.

Em 27 de junho de 2006, Sérgio Nogueira escreve que os antropólogos e etnólogos não gostam, mas as etnias indígenas devem ser flexionadas normalmente

no plural. Ele exemplifica: os Tupis, os Guaranis, os Caetés, os Pataxós. Em 15 de agosto de 2012, Nogueira responde a um questionamento de leitor assim: “Os estudiosos das coisas indígenas afirmam que os nomes das nações indígenas não apresentam plural na sua forma original. Deveríamos dizer os tupi, os goitacá, os pataxó, os caeté... Há, entretanto, aqueles que defendem o aportuguesamento e consequente respeito às nossas regras gramaticais. Como as línguas indígenas são ágrafas (= sem escrita), a forma escrita só pode ser aportuguesada. Em razão disso, minha preferência é os tupis, os goitacás, os pataxós, os caetés...” Detalhe: em 2006, ele escreve com iniciais maiúsculas; em 2012, minúsculas.

Não foram encontradas orientações de Pasquale Cipro Neto especificamente sobre o assunto, mas, como ele explica em 20 de outubro de 2013, em gravação feita para a Rádio Globo e publicada no *site* da emissora, nomes próprios (tema do próximo item) têm plural como qualquer outra palavra. Supõe-se, pois, que o especialista concorda com que etnias indígenas também devem ser flexionadas normalmente.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011) manda flexionar nomes de povos e tribos indígenas como qualquer outro: os tupis, os ianomâmis.

3.4.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* afirma que os nomes das etnias indígenas admitem plural quando utilizados na língua comum (BECHARA, 2009, p. 128): tupis, tamoios. Para o gramático, não há diferença entre o plural de etnias e gentílicos, como brasileiros e espanhóis. No entanto, ele faz uma ressalva: por convenção internacional de etnólogos, em trabalhos científicos, os nomes dos povos e tribos que não sejam de origem vernácula, a flexão do plural deve ser feita apenas com o artigo. Ex.: os tupi.

Em consulta pela internet ao serviço ABL Responde, obtém-se a seguinte explicação: “O Volp registra o plural das formas compostas de nomes indígenas: tupi-guarani (tupis-guaranis). Por uma razão lógica, os substantivos são também flexionados: os tupis, os pataxós, os guaranis etc.”.

O *Acordo Ortográfico* não trata do assunto.

A conclusão é que, apesar de algumas indefinições entre inicial maiúscula ou minúscula e da ressalva de Evanildo Bechara (2009), a aceitação da flexão do nome de etnias indígenas no plural é a unanimidade nesta pesquisa.

3.5. NOME PRÓPRIO (sobrenome no plural com ou sem flexão)

3.5.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi é enfática ao defender que nome próprio deve ser flexionado normalmente no plural. Na coluna Erramos, do *Correio Braziliense* de 26 de agosto de 2010, ela afirma que a frase “A filha dos Villela passa o dia na Corvida” está errada porque o nome próprio deve ser flexionado como o comum: **Villelas**. Na dúvida, pede que os leitores se lembrem da obra *Os Maias*, de Eça de Queiroz.

Sérgio Nogueira também defende, na seção Minicurso – Aula 14 (portal G1 de 4 de março de 2009), que os nomes próprios devem ser flexionados normalmente: os Maias, os Andradas, os Sobrais.

No texto “Joões e Joãos”, publicado pelo jornal *Folha de S. Paulo* em 3 de julho de 2003 (o *Acordo Ortográfico*, que entrou em vigor depois dessa data, não mudou as flexões), Pasquale Cipro Neto também afirma que nomes próprios têm plural, sim. Assim como Dad Squarisi e Sérgio Nogueira, dá o exemplo de *Os Maias*.

Apesar de não ser objeto deste capítulo, pois os nomes próprios em estudo aqui são os sobrenomes, não os prenomes, vale acrescentar que o especialista trata como caso especial o plural de João, que, segundo ele, virou Joões – em vez de Joãos – por força do uso, já que, acrescenta, não há padrão para o plural de palavras terminadas em “ão”, salvo as paroxítonas (órgãos, órfãos). O autor parece desconhecer que a tendência de plural dos nomes em “ão”, por questão etimológica, é “ões”. Igualmente etimológica, apesar de minoritária, é base das flexões de plural em “ãos” e “ães”.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* afirma que nomes próprios podem ser grafados com ou sem **s** no final. Entre os exemplos, cita “os Cavalcanti” e “Os Maias”.

3.5.2. O que diz a Norma

De acordo com a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 125), o plural de nome próprio obedece às regras dos nomes comuns. No entanto, lembra que a língua literária usa, muitas vezes, nome próprio no singular:

Os Correia de Sá.

O *Acordo Ortográfico* não trata sobre o assunto.

A Academia Brasileira de Letras (ABL), por meio do serviço pela internet ABL Responde, afirma, em 24 de novembro de 2016, que “os nomes próprios - especialmente os prenomes - fazem o plural normalmente. Exemplo: Era a casa das Marias. Os Joões no Brasil são muitos. Os sobrenomes [agora sim, foco deste capítulo] podem ou não ir para o plural: os Maias, os Sampaio, os Oliveiras”.

3.6. PAÍS (inicial maiúscula ou minúscula)

3.6.1. A opinião dos especialistas

Na seção “Estudantes perguntam (1)”, publicada pelo jornal *Correio Braziliense* em 2 de agosto de 2010, Dad responde que a palavra **país**, no sentido de Brasil, deve ser escrita com inicial minúscula. “O Brasil continua país do futuro?”, exemplifica.

Não foram encontradas informações de Sérgio Nogueira sobre o assunto.

No jornal *Folha de S. Paulo*, também não foram encontradas “dicas” de Pasquale Cipro Neto sobre o tema, mas ele escreve a palavra – no sentido de Brasil – com inicial minúscula, conforme o artigo “A bendita compreensão de texto”, publicado pelo jornal em 24 de março de 2016.

Além disso, no *site* e.Educacional, Pasquale explica que o *Formulário Ortográfico* dizia que “nomes comuns, quando personificados ou individuados” deveriam ser escritos com inicial maiúscula, o que justificaria *País*, no sentido de Brasil. Ao mesmo tempo, ele cita que o *Acordo Ortográfico* (substituto do Formulário) não faz mais referência ao assunto.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011, p. 81) manda sempre escrever a palavra **país** com inicial minúscula, salvo se ela fizer parte do nome próprio.

3.6.2. O que diz a Norma

Conforme explica Pasquale Cipro Neto, o Formulário Ortográfico, anterior ao Acordo, realmente diz: “Emprega-se letra inicial maiúscula: (...) 12.º - Nos nomes comuns, quando personificados ou individuados”. A inicial maiúscula da palavra **país** teria justificativa quanto a este item. No entanto, o *Acordo Ortográfico* em vigor nada

diz sobre o assunto, portanto, não haveria mais motivos para escrever a palavra com a inicial maiúscula.

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p.105) mantém o que diz o Formulário Ortográfico sobre as palavras que devem ser escritas com iniciais maiúsculas: “Nomes comuns, quando personificados ou individuados”.

A Academia Brasileira de Letras, em 19 de abril de 2016, por meio do serviço ABL Responde, também afirma: “Em geral, emprega-se a letra maiúscula”.

3.7. PAPA (inicial maiúscula ou minúscula)

3.7.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi, de maneira inesperada, defende que a palavra seja escrita com inicial minúscula porque, segundo explica, o Estado brasileiro é laico: “Aqui, religião não goza de privilégio. Nem os representantes de Deus na Terra. Por isso, papa joga no time de presidente, ministro, governador, prefeito. Escreve-se com a inicial minúscula. Esquecemos a isonomia”.

Não foram encontradas informações de Sérgio Nogueira sobre o assunto, no entanto, no texto “Vossa Senhoria está ‘cansado’ ou ‘cansada’?”, publicado pelo portal G1 em 2 de junho de 2015, ele escreve com minúscula.

Pasquale Cipro Neto também não dá (ou não foram encontradas) “dicas” sobre o assunto, mas, em artigo sobre as formas de tratamento, ele escreve o substantivo com inicial minúscula, conforme o texto “‘Equívocos’ evitáveis”, publicado em 1º de agosto de 2013, no jornal *Folha de S. Paulo*.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011, p. 82) manda usar minúsculas em “cargos, profissões, títulos e fórmulas de tratamento”. Entre os exemplos, cita o **papa**.

3.7.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 104-105) afirma que devem escritos com iniciais maiúsculas os nomes que designam altos cargos. Papa é o exemplo que aparece primeiro. No entanto, faz uma ressalva no fim do capítulo sobre o assunto: “Usa-se opcionalmente inicial minúscula”.

Pelo *Acordo Ortográfico*, tanto faz, também. O texto do *Acordo* diz que a letra maiúscula inicial é usada “opcionalmente, em palavras usadas reverencialmente, aulicamente ou hierarquicamente”, grupo que inclui o papa.

O serviço ABL Responde, da Academia Brasileira de Letras (ABL), afirma, em 24 de novembro de 2016, que se pode empregar minúscula ou maiúscula. “O uso de maiúsculas está na Base XIX. Pode usar maiúscula se quiser destacar o termo”, explica e complementa: “A melhor fonte de consulta sobre o assunto é o texto do novo *Acordo* [...]. Ao acessá-lo, observe particularmente a observação final da Base XIX, importante para dirimir qualquer dúvida. Com relação a Papa, pode empregar a maiúscula, para destacar o termo”.

3.8. UM DOS QUE (CONCORDÂNCIA)

3.8.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi afirma que “*um dos que*” pode concordar com o singular ou o plural, no entanto, há diferença, segundo ela, entre usar uma e outra forma:

O singular é egoísta. Diz que a ação se refere a um só sujeito: O *Tietê é um dos rios da capital paulista que deságua no Paraná*. (Só o Tietê deságua no Paraná.) *João é um dos candidatos à presidência que ataca o antecessor*. (Há vários candidatos. Só João ataca o antecessor.)

O plural joga em outro time. Informa que a ação se refere a mais de uma criatura: *João é um dos candidatos à presidência que atacam o antecessor*. (Vários candidatos atacam o antecessor. João é um deles.)

No texto intitulado “Júnior foi um dos que provocou...”, publicado na *Folha de S. Paulo* de 8 de agosto de 2000, Pasquale Cipro Neto explica que, no caso, a provocação foi feita por mais de uma pessoa, o que justificaria a concordância no plural.

Sérgio Nogueira diz que, embora alguns autores aceitem a concordância no singular, o mais recomendável é que ela seja feita no plural. Entre os exemplos está a frase: “Ele é um dos que FIZERAM [destaque do autor] o trabalho”.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011, p. 129) manda escrever no plural: “Ele foi um dos que mais lutaram pela paz”.

3.8.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 562) afirma:

Em linguagem do tipo *um dos... que*, o verbo da oração adjetiva pode ficar no singular (concordando com o seletivo *um*) ou no plural (concordando com o termo sujeito no plural), prática, aliás, mais frequente, se o dito verbo se aplicar não só ao relativo mas ainda ao seletivo *um*: “Este era *um dos que* mais se *doíam* do procedimento de D. Leonor”

No entanto, Bechara enfatiza que o singular é a regra – uso no plural é incorreto – quando o verbo da oração só se aplica ao seletivo *um*, como no exemplo “foi um dos teus filhos que jantou ontem comigo”. Bechara acrescenta que, nessa situação, “o singular impõe-se imperiosamente pelo sentido do discurso”.

O *Acordo Ortográfico* não trata sobre o assunto.

A Academia Brasileira de Letras (ABL), pelo serviço ABL Responde, explica que, com “um dos que” e “uma das que”, há dupla sintaxe, o que justifica o verbo ficar no plural ou no singular, no entanto, acrescenta que o mais usual é o verbo no plural: “Ele é um dos que participaram”.

3.9. VÍRGULA ANTES DE ETC.

Eis um tema em que a polêmica extrapola o uso da vírgula. Há dúvidas se **etc.** pode ser usado para pessoas, se é aceitável a conjunção “e” antes do termo, se a Norma acolhe o uso sem o ponto no final etc.

Antes de tudo, os especialistas explicam o significado de “et cetera” ou “*et coetera*”. “E tantas coisas”, afirma Dad; “e as demais coisas”, ressalta Pasquale; “e outras coisas”, explica Sérgio Nogueira. Na prática, trata-se da mesma coisa.

Pasquale recorre ao *Dicionário Aurélio* para fazer uma ressalva sobre o sentido etimológico de *etc.*: “Embora normalmente se devesse usar apenas com referência a coisas, (...) aparece freqüentes vezes, inclusive nos melhores autores, aplicado a pessoas”.

3.9.1. A opinião dos especialistas

Sobre a vírgula antes de *etc.*, Dad Squarisi afirma que é facultativa. No texto “Etc. e tal”, publicado no *Correio Braziliense*, em 15 de julho de 2008, ela lembra que alguns gramáticos dizem que sim, outros que não. No entanto, quem defende a vírgula explica, segundo ela, que, com o tempo, o **etc.** passou a ser considerado como uma palavra qualquer.

No fim, Dad diz que a escolha é de quem escreve, mas lembra que o ponto não é facultativo, esteja onde o **etc.** estiver na frase. Em 7 de março de 2013, pelo Twitter, Dad dá exemplos sobre o uso com ou sem vírgula: “Comprei maçãs, peras, figos, etc.” ou “Comprei maçãs, peras, figos etc.”.

No texto ““Sentimos muito, etc.””, de 22 de dezembro de 2005 (o *Acordo Ortográfico* entrou em vigência depois dessa data, mas não considerou essa questão), Pasquale Cipro Neto recorre à literatura para falar sobre o assunto. Cita o conto "O Peru de Natal", de Mário de Andrade, em que o segundo parágrafo começa assim: "Morreu meu pai, sentimos muito, etc.". Segundo Pasquale, o escritor usa a expressão para finalizar a enumeração de fatos, “o que é no mínimo instigante”. Pasquale também explica que o *Dicionário Aurélio* emprega vírgula antes de **etc.** (ou usava, em 2005), mas o *Dicionário Houaiss*, não. No fim, afirma que todos têm razão.

Sérgio Nogueira vai pelo mesmo caminho de Dad e Pasquale. No texto “Dúvidas e questões etimológicas”, de 31 de agosto de 2011, além de explicar que “NÃO [destaque do autor] há necessidade de usarmos a conjunção ‘e’ antes do ‘etc.’”, ressalta que, exatamente pelo fato de a expressão conter o “e” (etc. significa “e outras coisas”), alguns autores são contra o uso da vírgula. No entanto, outros consideram que **etc.** é mais um elemento da enumeração, por isso, pede a vírgula. Nogueira lembra também que no Formulário Ortográfico (na época em que o texto foi escrito já estava superado pelo Acordo) sempre aparece a vírgula. “Agora, você decide”, conclui.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011, p. 69) pede que se evite a forma **etc.** em texto jornalístico porque, segundo a publicação, sugere

“incompletude, imprecisão”. Acrescenta que a expressão não deve ser usada em relação a pessoas, nem ser antecedida da conjunção “e” ou de vírgula.

3.9.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009) não trata do assunto, no entanto, em vários trechos, o gramático usa a vírgula antes de **etc.**

A mesma situação ocorre com o *Acordo Ortográfico*. No texto do *Acordo*, a vírgula aparece 77 vezes antes de **etc.**

A Academia Brasileira de Letras (ABL), em 23 de novembro de 2016, pelo serviço ABL Responde, diz que “a vírgula antes da abreviação etc. (**et cetera**) é facultativa, uma vez que a expressão em latim apresenta a conjunção aditiva (**e** outras coisas) que antecede ao último elemento de uma enumeração”.

3.10. VISAR O/AO (no sentido de almejar)

3.10.1. A opinião dos especialistas

Dad Squarisi manda usar da preposição. Em texto publicado pelo *Diário de Pernambuco*, em 11 de maio de 2003, ela “traduz” a frase “o criminoso visa o lucro” por “o criminoso põe visto no lucro”. Para que tenha o sentido de ter por objetivo, diz, é necessário acrescentar a preposição a: “O criminoso visa ao lucro. O ator visa ao sucesso”.

No texto “Sugere que ‘ficam’ (ou ‘que fiquem?’)”, de 6 de maio de 2004, Pasquale Cipro Neto afirma que os dicionários citam vários exemplos em que o verbo **visar**, no sentido de almejar, aparece acompanhado da preposição **a**. Também não faltam exemplos contrários, lembra. “‘Que visem sanar’ e ‘que visem a

sanar' são construções que encontram registro na língua”, conclui. O autor parece ignorar o uso corrente de supressão da preposição antes de verbos no infinitivo, o que justificaria os exemplos citados.

Na coluna *Dúvida dos Leitores*, do portal G1, Sérgio Nogueira, em 8 de junho de 2011, explica que, de acordo com a regência tradicional, o verbo **visar**, no sentido de almejar, desejar, aspirar, era transitivo indireto. "Sua campanha visava AO [destaque do autor] governo do estado", exemplifica. Em seguida, Nogueira afirma que, atualmente, a maioria dos estudiosos considera facultativo o uso da preposição, se a intenção não é seguir “rigorosamente a regência clássica”.

O *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (2011) não trata da regência do verbo **visar**.

3.10.2. O que diz a Norma

A *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009, p. 581) diferencia o sentido do verbo, de acordo com o uso ou não da preposição: “visar a” significa pretender, “visar” (sem a preposição) é o mesmo que dar o visto.

O *Acordo Ortográfico* não aborda o assunto, mas o verbo, no sentido de almejar, aparece na redação do decreto sem a preposição: “Visavam impor uma unificação ortográfica absoluta” e “visando assim resolver as diferenças de pronúncia daquelas mesmas vogais”. Nos casos, prevalece a tendência a suprimir preposições antes de infinitivos, como ocorre em outras construções do português.

A Academia Brasileira de Letras, por meio do serviço ABL Responde, afirma o seguinte sobre a regência do verbo **visar**: “Na acepção de 'ter em mira ou mirar a'; ter em vista; ter como fim ou objetivo, objetivar', todos os estudiosos do assunto abonam a dupla regência”.

A seguir, apresento a quadro que sistematiza as análises feitas nesta monografia.

QUADRO 4: SISTEMATIZAÇÃO DAS ANÁLISES

Questão gramatical	Especialistas e Manual da Folha				Norma		
	Dad	Pasquale	Nogueira	Folha	Bechara	Acordo	ABL
ANO NOVO (hífen ou sem; iniciais maiúsculas ou minúsculas)	Com hífen e minúsculas	*Escreve sem hífen e minúsculas	Com hífen e maiúsculas	Com hífen e maiúsculas	Com hífen (por dedução)	Não altera	Com hífen
BOM DIA (com hífen ou sem no cumprimento)	Com hífen	Sem hífen	Com hífen	-	Escreve sem hífen	Não altera	Sem hífen
CARNAVAL (letra inicial maiúscula ou minúscula)	Minúscula	*Escreve maiúscula	*Escreve minúscula	Maiúscula	Minúscula	Maiúscula	Opcional
ETNIA INDÍGENA (flexão ou não no plural)	Flexão normal	Flexão normal (por dedução)	Prefere flexão normal	Flexão normal	Flexão normal, mas faz ressalva	-	Flexão normal
NOME PRÓPRIO (flexão ou não no plural)	Flexão normal	Flexão normal	Flexão normal	Facultativo	Flexão normal	-	Flexão normal
PAÍS (maiúscula ou não no sentido de Brasil)	Minúscula	*Escreve minúscula	-	Minúscula	Maiúscula (por dedução)	-	Opcional
PAPA (letra inicial maiúscula ou minúscula)	Minúscula	*Escreve minúscula	*Escreve minúscula	Minúscula	Opcional	Opcional	Opcional
UM DOS QUE (concordância)	Singular ou plural (depende do contexto)	Plural (pelo contexto)	Prefere plural	Plural	Opcional, mas faz ressalva	-	Opcional, mas plural é mais comum
VÍRGULA ANTES DE ETC.	Facultativa	Dá ex. de escritores que usam (opcional)	Diz que há autores que condenam (opcional)	Sem vírgula, mas manda evitar	Escreve com vírgula	Aparece 77 vezes no texto	Opcional
VISAR O/AO (sentido de almejar)	Transitivo indireto	Diz que há muitos registros das duas situações	Facultativo	-	Transitivo indireto	Aparece no texto sem preposição	Opcional

* Não encontradas “dicas”, mas o especialista escreve textos sobre outros assuntos que sugerem a sua opinião.

Fonte: elaborado pela autora deste trabalho

Como se percebe, nos dez fatos gramaticais discutidos, ocorrem divergências, em maior ou menor grau. No caso da letra inicial da palavra **Carnaval** (ou **carnaval**), por exemplo, há diferenças entre os especialistas e, também, entre

os órgãos e gramáticos norteadores da Norma. Na outra ponta, a aceitação do plural de etnias indígenas é unanimidade, mas aí há a ressalva do BECHARA. Isso determina as conclusões que o estudo permite tecer, descritas no último capítulo deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem desmerecer o trabalho dos três especialistas ou minimizar a importância da Norma (jamais alcançada como um todo, eu diria) como forma de tentativa de preservação da língua portuguesa, apresento, a seguir, um quadro com as minhas opiniões sobre as dez questões.

QUADRO 5: ABL E MINHAS OPINIÕES

Questão	O que diz a ABL	A minha opinião
ANO NOVO (com ou sem hífen na saudação; iniciais maiúsculas ou minúsculas)	Com hífen	Diferencio a saudação de <i>réveillon</i> (meia-noite do dia 31) com hífen e iniciais maiúsculas: Ano-Novo . Ano novo (sem o hífen) seria o contrário de “ano velho”
BOM DIA (com hífen ou sem no cumprimento)	Sem hífen	Concordo com a ABL e, também, com Bechara e Pasquale. Com hífen seria a palavra substantivada: “um bom-dia”.
CARNAVAL (letra inicial maiúscula ou minúscula)	Facultativo	Se escrevo Páscoa e Natal com iniciais maiúsculas, por que com Carnaval seria diferente?
ETNIA INDÍGENA (flexão plural ou singular)	Flexão normal	Concordo com quem defende flexão normal e iniciais minúsculas: os tupis, os tupinambás, os guaranis
NOME PRÓPRIO (sobrenome no plural ou singular)	Flexão normal	Emprego os Oliveiras, os Melos, os Sosas e, também, Os Maias, mas não critico quem faz a flexão só do artigo ou usa iniciais minúsculas, mas, na revisão, seria interessante conversar com o autor
PAÍS (maiúscula ou minúscula no sentido de Brasil)	Maiúscula	O contexto vai determinar se a palavra está escrita no sentido ou não de Brasil e, por isso, não vejo necessidade da inicial maiúscula, mas não critico quem usa
PAPA (letra inicial maiúscula ou não)	Facultativo	Emprego minúscula, mas em um trabalho de revisão, por exemplo, checaria se a intenção do autor do texto é destacar o termo. Mantenho a maiúscula em trabalhos relacionados com a Igreja ou similares (monografia sobre teologia, por exemplo)
UM DOS QUE (concordância)	Facultativo	Prefiro o plural
VÍRGULA ANTES DE ETC.	Facultativo	Eu não costumo escrever “etc.”, mas, em um trabalho de revisão em que o termo precisa ser mantido, prefiro sem a vírgula e sem o “e”, mas com o ponto no fim. Não condeno quem acrescenta a vírgula ou o “e” antes, mas, em um trabalho de revisão, seria interessante consultar o autor do texto
VISAR O/AO (sentido de almejar)	Facultativo	Sempre uso com a preposição, mas não corrijo quem escreve sem

Fonte: quadro elaborado pela autora deste trabalho

Para o profissional da revisão de texto, além de conhecer a Norma e as opiniões divergentes sobre determinadas questões para poder escolher a melhor opção, com segurança, também é muito importante conhecer as circunstâncias que envolvem o trabalho. Aqui, vale voltar aos ensinamentos de Ducrot e Todorov, que dizem que a falta de conhecimento das circunstâncias impede a descrição correta das informações. O conhecimento da situação, acrescentam, pode determinar o referente das expressões empregadas, a natureza do ato de fala realizado, elucidar enunciado ambíguo, entre outros. (DUCROT. TODOROV, 1972, p. 297).

Para o profissional de revisão de texto, significa dizer que uma revista em quadrinhos jamais poderá ser revisada da mesma forma que uma tese de mestrado, por exemplo. Também não se pode revisar “bem” um texto sem que se saiba quem é o público-alvo, qual o seu objetivo, se será lido por crianças ou adultos.

CONCLUSÃO

O assunto abordado neste trabalho revelou os seguintes tipos de divergências sobre língua portuguesa: 1) entre os três especialistas pesquisados, conforme o previsto; 2) entre os especialistas e a Norma; 3) entre as próprias fontes norteadoras do português brasileiro.

Para chegar a esses resultados, foram consultados textos publicados pelos especialistas Dad Squarisi, Pasquale Cipro Neto e Sérgio Nogueira, principalmente em *sites* de grandes jornais, respectivamente, *Correio Braziliense*, *Folha de S. Paulo* e *G1 (Organizações Globo)*, para os quais eles escrevem.

Também serviram de fonte para esta pesquisa o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo* (17ª ed., 2011), o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (Volp) disponível na internet e a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 37ª ed., 2009), todos atualizados pelo *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa* – também aqui consultado. Para finalizar, foram feitas perguntas à *Academia Brasileira de Letras* sobre os dez itens pesquisados por meio de consulta ao serviço ABL Responde.

As divergências identificadas entre os três especialistas são resultantes, principalmente, do nível de aceitação ou não de termos e expressões consagrados pelo uso popular. Às vezes, um autor é mais rigoroso e considera totalmente inadequado o uso de termos que fogem à Norma; outro defende elementos usados cotidianamente pela população; o terceiro escolhe a opção mista.

Esse “navegar” entre a língua escrita e a popular, como não poderia deixar de ser, faz também que esses especialistas, em alguns pontos, se contraponham à Norma. Dad Squarisi, por exemplo, mostra-se presa à prescrição original que manda considerar transitivo indireto o verbo **visar**, no sentido de almejar, com emprego

obrigatório da preposição. No entanto, a própria Academia Brasileira de Letras, conforme resposta obtida no serviço de consulta ABL Responde, aceita as duas regências. Nessa situação, o inusitado: a Norma apresenta-se mais flexível que a especialista.

O terceiro caso de divergência revelado nesta pesquisa – a que ocorre entre os representantes da Norma – é menos frequente. Por exemplo: ainda no caso do verbo **visar**, Evanildo Bechara (2009, p. 581) manda usar a preposição quando empregado no sentido de “pretender algo”. De novo, a Academia Brasileira de Letras segue em outra direção, ao liberar as duas regências (com ou sem preposição) para o verbo no sentido de mirar algo.

Como se vê, quando o assunto é língua portuguesa, ninguém é exatamente o “dono da verdade”. O “certo” ou “errado”, o termo adequado ou inadequado depende do contexto e das circunstâncias, de para quem ou para qual veículo se escreve, da fonte pesquisada (o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, por exemplo, orienta o trabalho dos jornalistas que escrevem para o veículo e, algumas vezes, contraria a Norma, e, tudo indica, conscientemente).

E agora, que caminho seguir? Do ponto de vista da revisão textual, depende. Se o trabalho for a revisão de um gibi, por exemplo, o profissional precisa ser mais flexível, aceitar expressões de uso popular, gírias. Em publicações assim, não dá para escrever que determinado super-herói “visa ao bem comum” (conforme recomenda Bechara). No caso deste tipo de publicação, melhor seria nem usar esse verbo. Há sempre outras formas de se dizer a mesma coisa. Mais uma vez, é uma questão de contexto.

Se o profissional da revisão decidir não seguir à risca a Norma, mesmo em trabalhos em que ela seria a mais recomendável – caso dos textos acadêmicos, por

exemplo –, deve fazer isso com consciência. Uma vez mais, é inevitável citar o exemplo do *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, que recomendava (e ainda recomenda) escrever **papa** com inicial minúscula, mesmo quando a Norma dizia o contrário. Atualmente, de acordo com a Norma, a grafia é opcional, mas, antes, nomes que designavam “altos cargos, dignidades ou postos” deveriam ser escritos com inicial maiúscula e papa aparecia entre os exemplos. Tudo indica que, para não privilegiar um cargo em detrimento de outro, o manual optou, conscientemente, pela inicial minúscula para todos os casos.

Para concluir, é preciso ter cuidado com as fontes de pesquisa, especialmente as feitas pela internet, que garantem rapidez, mas, nem sempre, qualidade. Essas fontes devem ser cuidadosamente escolhidas, afinal, no mundo “real” ou virtual, provavelmente há “especialistas” para todos os gostos e com respostas para quase tudo, mas, nem sempre, elas são as mais adequadas.

Em síntese, após verificar que as divergências sobre questões de língua portuguesa atingem até os representantes da Norma, este trabalho presta um importante serviço aos revisores de texto que se preocupam em fazer o melhor trabalho possível. Sim, a palavra-chave é esta: possível.

Pela internet ou não, é praticamente impossível se dedicar ao ofício da revisão de texto sem, em algum momento, “ofender” a Norma. O importante é escolher com consciência que caminho seguir e, no fim, padronizar. Nada de ser flexível em um parágrafo e purista em outro. Assim, o objetivo final deste trabalho foi apontar um caminho para o profissional da área de revisão escolher, de modo consciente e, conseqüentemente, seguro, a resposta mais adequada para determinada dúvida referente à gramática da língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Formulário Ortográfico*. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/formulario-ortografico>>. Acesso em: 8 abr. 2016.
- _____. *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa – Volp*, 5. ed. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>. Acesso em: 22 jan. 2016
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Lucerna, 2009.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008*. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm>. Acesso em: 22 jan. 2016.
- CAMARA JR. J. Mattoso. *Dicionário de lingüística e gramática*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FOLHA DE S. PAULO. *Manual de redação*. 17. ed. São Paulo: Publifolha, 2011.
- NETO, Pasquale Cipro. *Júnior foi um dos que provocou.... Folha de S. Paulo*, 8 jun 2000. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0806200004.htm>>. Acesso em: 10 abr. 2016.
- _____. *Sentimos muito, etc.. Folha de S. Paulo*, 22 dez 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2212200502.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2016.
- _____. *Sugere que ficam (ou "que fiquem"?)*. *Folha de S. Paulo*, 6 maio 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0605200403.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- _____. *'Equívocos' evitáveis*. *Folha de S. Paulo*, 1º ago 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2013/08/1319834-equivocos-evitaveis.shtml>>. Acesso em: 26 jan. 2016.
- _____. *A bendita compreensão de texto*. *Folha de S. Paulo*, 24 mar 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/03/1753591-a-bendita-compreensao-de-texto.shtml>>. Acesso em: 5 abr. 2016.
- _____. *Carnaval? Tô fora, literalmente*. *Folha de S. Paulo*, 20 fev 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/26882-carnaval-to-fora-literalmente.shtml>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

_____. Desejos (rabugentos) de fim de ano. *Folha de S. Paulo*, 31 dez 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff3112200904.htm>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

_____. Espaço do Pasquale. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/espacopasquale/dicas.asp?intPagAtual=4&>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Joões e Joãos. *Folha de S. Paulo*, 3 jul 2003. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0307200304.htm>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. Nome próprio tem plural? Pasquale explica que sim. Rádio Globo, 28 out 2013. Disponível em: <<http://radioglobo.globoradio.globo.com/com-a-palavra,-o-professor-pasquale/2013/10/28/NOME-PROPRIO-TEM-PLURAL-PASQUALE-EXPLICA-QUE-SIM.htm>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

_____. Site e.Educacional. Disponível em: <<http://www.educacional.com.br/espacopasquale/dicas.asp?intPagAtual=15&>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

NOGUEIRA, Sérgio. *Aula de revisão: concordância verbal (2ª parte)*. Portal G1, 27 jan 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/assunto/concordancia-verbal/1.html>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

_____. *Aula de revisão: concordância verbal (2ª parte)*. Portal G1, 27 jan 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/assunto/concordancia-verbal/1.html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

_____. Conheça a origem da palavra 'carnaval'. Portal G1, 25 mar 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/conheca-a-origem-da-palavra-carnaval.html>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

_____. Dúvida e questões etimológicas. Portal G1, 31 ago 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/questoes-etimologicas.html>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

_____. Dúvida dos leitores. Portal G1, 8 jun 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/duvida-dos-leitores.html>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Mais dúvidas dos leitores. Portal G1, 10 set 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/mais-duvidas-dos-leitores-2.html>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

_____. Mais dúvidas dos leitores. Portal G1, 13 ago 2008. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/mais-duvidas-dos-leitores.html>>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Minicurso – Aula 14. Portal G1, 4 mar 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/minicurso-aula-14.html>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. Olá! Tudo bem? Portal G1, 27 mar 2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/ola-tudo-bem-40.html>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

_____. Os tupi ou os tupis? *Portal G1*, 15 ago 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/conheca-os-sete-pecados-da-crase.html>>. Acesso em: 16 nov. 2016.

_____. Vossa Senhoria está 'cansado' ou 'cansada'? *Portal G1*, 2 jun 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/dicas-de-portugues/post/vossa-senhoria-esta-cansado-ou-cansada.html>>. Acesso em: 26 jan. 2016.

SQUARISI, Dad. Dicas de português. *Jornal do Commercio*. Disponível em: <http://www.jcom.com.br/noticia/131704/Dad_SquarisiA_redondilha_gruda_na_memoria>. Acesso em: 26 jan. 2016.

_____. Erramos. *Correio Braziliense*, Brasília, 26 ago 2010. Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/erramos-575/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

_____. Erramos. *Correio Braziliense*, Brasília, 7 jun 2015. Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/erramos-989/>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

_____. Estudantes perguntam. *Correio Braziliense*, Brasília, 2 ago 2010. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/estudantes_perguntam_1-4/>. Acesso em: 17 mar. 2016.

_____. Etc. e tal. *Correio Braziliense*, 15 jul 2008. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/etc_e_tal/>. Acesso em: 13 abr. 2016.

_____. Os filmes do Oscar. *Correio Braziliense*, Brasília, 3 fev 2016. Disponível em: <<http://concursos.correioweb.com.br/app/colunistas/dad-squarizi/2016/02/03/noticiasinterna.35973/os-filmes-do-oscar.shtml#.VwxCJvkrKM8>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

_____. Os pecados do hífen. *Correio Braziliense*, Brasília, 29 dez 2010. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/os_sete_pecados_do_hifen_na_virada_do_ano/>. Acesso em: 22 jan. 2016.

_____. Os sete pecados da concordância. *Correio Braziliense*, 24 jan 2011. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/os_sete_pecados_da_concordancia/>. Acesso em: 10 abr. 2016.

_____. Os sete pecados do hífen na virada do ano. *Correio Braziliense*, Brasília, 29 dez 2010. Disponível em: <http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/os_sete_pecados_do_hifen_na_virada_do_ano/>. Acesso em: 24 jan. 2016.

_____. Peru bêbado. *Diário de Pernambuco*, 11 maio 2003. Disponível em: <http://www.old.pernambuco.com/diario/2003/05/11/urbana4_0.html>. Acesso em: 16 abr. 2016.

_____. *Twitter*. 7 mar 2013. Disponível em: <<https://twitter.com/dadsquarisi/status/309840985465163776>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

ANEXOS

ANEXO A – ABL Responde sobre ANO NOVO (OU ANO-NOVO)

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

11 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, tudo bem? Verifiquei que o Volp registra a palavra "ano-novo" com hífen. Qual a diferença entre "ano novo" e "ano-novo"? Ano-novo seria apenas no sentido de réveillon? Obrigada! Abraços, Radígia

Resposta : Ano-novo com hífen é o ano entrante; meia-noite do dia 31 de dezembro; ano-bom; refere-se à virada do ano. Ano novo sem hífen refere-se à totalidade do ano. De nada, disponha.

ANEXO B – ABL Responde sobre BOM DIA (OU BOM-DIA)

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

11 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, Verifiquei que o Volp registra bom-dia assim, com hífen. Gostaria de saber quando devo usar bom-dia com hífen: no sentido de saudação ou no caso de a palavra estar substantivada? Desde já, agradeço. Abraços, Radígia

Resposta : Prezada consulente, a saudação deve ser escrita sem hífen: "Bom dia, alunos!", "Bom tarde, queridos amigos!" O uso do hífen dá-se apenas com a expressão substantivada. Exemplo: "Cumprimentou-o com um caloroso bom-dia.", "Tenha um bom-dia, senhora." O mesmo se aplica às saudações "boa tarde" e "boa noite". De nada, disponha.

ANEXO C – ABL Responde sobre CARNAVAL

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

13 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, Encontrei divergências entre especialistas em língua portuguesa sobre a letra inicial da palavra Carnaval (ou carnaval). Afinal, deve ser escrita com a letra inicial maiúscula ou minúscula? Desde já, obrigada! Abraços, Radígia

Resposta : Prezada Radígia: a maiúscula é opcional. De nada; receba também nosso abraço.

ANEXO D – ABL Responde sobre ETNIA INDÍGENA

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

15 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta: Olá, Gostaria de saber se (...) as etnias indígenas podem flexionadas normalmente no plural (os tupis, os pataxós e os guaranis)? Obrigada! Abraços, Radígia de Oliveira

Resposta: Prezada consulente, o VOLP registra o plural das formas compostas de nomes indígenas: tupi-guarani (tupis-guaranis). Por uma razão lógica, os substantivos são também flexionados: os tupis, os pataxós, os guaranis etc.

ANEXO E – ABL Responde sobre NOME PRÓPRIO

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

24 de nov

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, Gostaria de saber qual a recomendação da ABL para o plural de nomes próprios como, por exemplo, Maria, João, Oliveira, Sampaio. Abraços,
Radígia

Resposta : Prezada consulente, os nomes próprios - especialmente os prenomes - fazem o plural normalmente. Exemplo: Era a casa das Marias. Os Joões no Brasil são muitos.

Os sobrenomes podem ou não ir para o plural: os Maias, os Sampaio, os Oliveiras.

ANEXO F – ABL Responde sobre PAÍS

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

19 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, País, no sentido de Brasil, deve ser escrita com inicial maiúscula? Desde já, agradeço. Abraços, Radígia

Resposta : Prezada Radígia, em geral, emprega-se a letra maiúscula.

ANEXO G – ABL Responde sobre PAPA

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

24 de nov

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, A inicial de papa (ou Papa) deve ser escrita com maiúscula OU minúscula? Qual a recomendação da Academia Brasileira de Letras? Desde já, agradeço. Abraços, Radígia

Resposta : Prezada consulente, o uso de maiúsculas está na Base XIX. Pode usar maiúscula se quiser destacar o termo, exceto em partículas. Essa é a síntese. A melhor fonte de consulta sobre o assunto é o texto do novo Acordo, que está disponível no site da ABL. Ao acessá-lo, observe particularmente a observação final da Base XIX, importante para dirimir qualquer dúvida. Com relação a Papa, pode empregar a maiúscula, para destacar o termo.

ANEXO H – ABL Responde sobre UM DOS QUE

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

22 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, Depois de "um dos que" devemos usar o verbo no plural ou no singular? Exemplo: ele é um dos que participou ou um dos que participaram?
Obrigada, Radígia

Resposta : Prezada Radígia: com "um dos que" e "uma das que" há dupla sintaxe, isto é, o verbo pode ficar no singular ou no plural. Mas o mais usual é o verbo concordar normalmente no plural: "Ele é um dos que participaram". De nada.

ANEXO I – ABL Responde sobre VÍRGULA ANTES DE ETC.

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

23 de nov

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, Gostaria de saber se o uso da vírgula antes de etc. é ou não aceitável pela Academia Brasileira de Letras? Abraços, Radígia

Resposta : Prezada consulente, a vírgula antes da abreviação etc. (*et cetera*) é facultativa, uma vez que a expressão em latim apresenta a conjunção aditiva (**e** outras coisas) que antecede ao último elemento de uma enumeração.

ANEXO J – ABL Responde sobre o VERBO VISAR

coordenacao.ablresponde@academia.org.br

23 de abr

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

ABL RESPONDE

Pergunta : Olá, O verbo visar, no sentido de almejar, é transitivo direto ou indireto? Sei que alguns especialistas dizem que tanto faz, mas e a Academia Brasileira de Letras? Abraços, Radígia

Resposta : Prezada Radígia: a Academia Brasileira de Letras acata os estudos dos renomados gramáticos e dicionaristas do idioma. Com relação à regência do verbo "visar" na acepção de 'ter em mira ou mirar a'; ter em vista; ter como fim ou objetivo, objetivar', todos os estudiosos do assunto abonam a dupla regência. De nada.